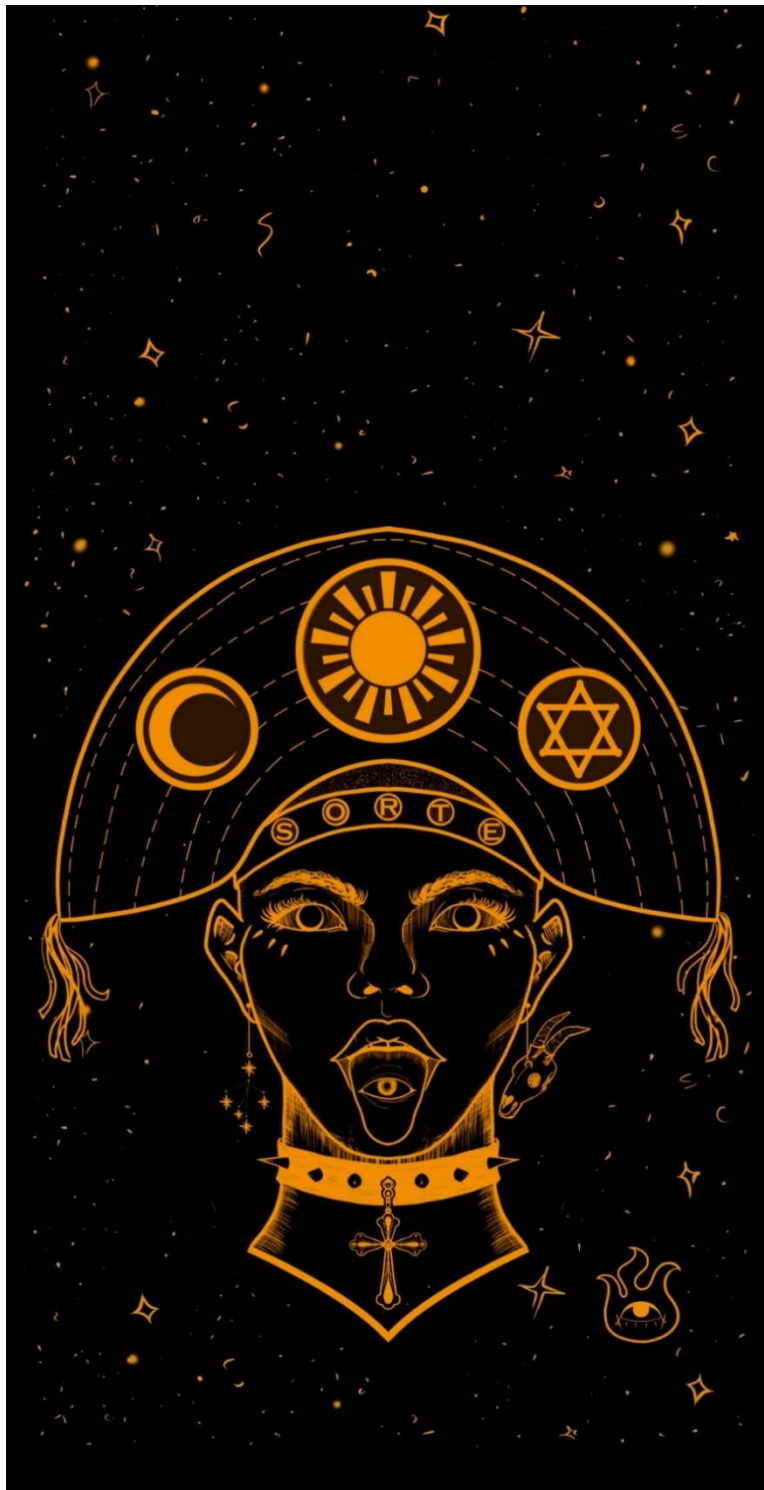


SORTE SERTANEJA

Alex Xavier Bastos de Souza e Silva



Sorte Sertaneja, 2022 - AX Bastos
Ilustração digital
Adobe Photoshop

SORTE SERTANEJA

Irecê-BA, 20/07/2025.

Me chamo Alex, também assino como AX Bastos: sou multiartista, pessoa trans, pai e acadêmico do sertão baiano, graduando em Administração pela Universidade do Estado da Bahia e com trajetória no universo da arte e cultura desde 2022, com atuação em projetos de políticas de fomento como PNAB estadual (2022) e municipal (2025), Lei Paulo Gustavo (2024) e Salão de Artes Visuais da FUNCEB (2024). Apresento aqui a obra Sorte Sertaneja, uma ilustração digital que ilustra minha prática poética e simbólica: criar a partir da encruzilhada entre arte, ciência e magia. A personagem representada encarna um arquétipo do futuro sertanejo — uma figura andrógina, cósmica e ancestral que carrega, na cabeça e no corpo, os símbolos da fé popular, dos saberes místicos e da imaginação. Aqui, trago como contraste aos estereótipos do ser nordestino, e toda a sua representação midiática caricata e sofrida, agora com o propósito de assumir o controle da própria sorte, ao se apropriar das ferramentas herdadas da ancestralidade, conexão com o cosmos e - por que não? - ferramentas científicas e tecnológicas, como a própria plataforma utilizada na execução da obra.

Falar dessa obra é também um gesto de sobrevivência. Dos rabiscos no caderno do artista introvertido com problemas de comunicação, desenvolve-se uma linguagem advinda da necessidade de expressão imagética. Como escreveu Clarice Lispector, “tenho que falar, pois falar salva” (1998). No sertão, criar sempre foi uma forma de falar mesmo em silêncio — um modo de plantar palavras no chão seco e colhê-las em forma de artesanato, dança, grafite, música ou programação visual. O que proponho é um convite ao encantamento: imaginar futuros em que a estética popular, os saberes periféricos e a gestão autônoma se articulam como tecnologias ancestrais. Contrariar as distopias que já estamos vivendo com os pilares da alquimia: arte, ciência e magia.

Ainda uso a noite como plano de fundo, uma ode à musa inspiradora de artistas de todo o globo. Este mundo não é muito gentil com as pessoas noturnas. Os extrovertidos são taxados de boêmios, depravados. Os introvertidos, são insones, coitados. A questão é que há algo irremediavelmente atraente nas madrugadas. Será que é a conexão maior que temos com o cosmos, pois o sol não está ofuscando nossa visão dos astros? Será que é o clima mais fresco no sertão, a escuridão mais acolhedora? Ou será o senso de mistério?

Aquilo que não conseguimos ver, ouvir ou sequer imaginar? De toda forma, a madrugada tem o seu apelo, e cada uma das criaturas notívagas tem com ela seu apego, cada qual atraída a um atributo da noite profunda. Desta forma, me atraio pelo silêncio sepulcral, pelo mundo dar espaço ao barulho da minha mente se manifestar finalmente. E muitas vezes isto não me leva a bons lugares subjetivos. Mas em outras, é quando faço as mais profundas descobertas, quando acesso nuances que nem cogitava possuir.

É por essa mesma madrugada, atravessada por corpos dissidentes, que me pergunto: quem construirá as narrativas dos futuros do sertão, senão os artistas da nova geração? Fazendo a ponte entre o analógico e o tecnológico, somos nós, artistas, ativistas, corpos LGBTQIAPN+ em nossa multiplicidade de identidades e afetos, portadores da chama subversiva que resiste aos padrões copiados e colados no mercado cultural. Vivemos na pele a tensão entre exclusão e reinvenção, e é dessa dissidência que brotam práticas criativas capazes de desestabilizar velhas estruturas e redesenhar dinâmicas de poder.

São pacientes, assíduos e perseverantes (Ben Jor, 1974) — verdadeiros alquimistas contemporâneos que, com sua arte, fundem saberes ancestrais, técnicas científicas e linguagens digitais. Como Jorge Ben Jor celebra em “Os Alquimistas Estão Chegando”, somos aqueles que reformam o mundo ao combinar elementos aparentemente contraditórios em novas formas de existir. No sertão, em outras periferias, em circuitos urbanos e rurais, nosso gesto criativo torna-se ato político: forjamos futuros possíveis a partir dos fragmentos que habitamos, nossas dores, cores, lutas e amores. O cotidiano é a maior força de criação.

A arte sertaneja, por sua natureza híbrida, cotidiana e ritualística, é uma das mais complexas formas de inteligência coletiva já desenvolvidas. Essa inteligência não se sustenta em modelos acadêmicos ou puramente técnicos, e daí surge a necessidade de questionar a ciência como única fonte de sabedoria universal, mas sim em sistemas relacionais, intuitivos e regenerativos — os mesmos que encontramos na agroecologia, na lógica dos terreiros, nas práticas de bordado, nos fluxos das feiras, nas rodas de capoeira e nas playlists de paredão - mesmo que estas conexões pareçam improváveis.

O eixo que inspirou “*Sorte Sertaneja*” é o da alquimia — compreendida aqui como um método transdisciplinar de reorganização sensorial e prática do mundo, onde arte, ciência e magia não são opostos, mas elementos complementares. A alquimia que proponho parte das vivências individuais e coletivas que surgem da conexão entre as

ancestralidades acessadas por esta geração de artistas que, nascidas do chão rachado e fértil do sertão, se veem perdidos diante das realidades distópicas que se instalam. Ainda assim, atravessam a estética distópica com a possibilidade de reencantamento radical da vida e se organizam como ferramenta de manifesto expressivo, onde planejamento não é controle, mas cuidado; e onde estratégia se escreve com beleza, escuta e contradição.

Ao propor esta imagem, quero também uma reflexão mais ampla: e se a gestão de projetos culturais fosse pensada a partir da lógica do design? E se a administração aprendesse com a circularidade dos rituais populares, com a abundância da gambiarra criativa e com a ética do cuidado presente em cada prática artesanal de sobrevivência? E se nossos sistemas de organização fossem baseados menos em fórmulas importadas e cópias “da gringa” e mais em epistemologias do chão — viscerais, inventadas, orgânicas?

As expressões artísticas de qualquer linguagem, aqui no território são mais que uma imagem ou um som: são gestos políticos e sensíveis que podem afirmar que o futuro se constrói agora, a partir do que temos, com as mãos que herdamos e as visões que ousamos cultivar. É uma oferenda simbólica a um tempo em que a arte será também ciência, e a ciência, enfim, arte de viver.

Alex Xavier Bastos de Souza e Silva

REFERÊNCIAS

BEN JOR, Jorge. “Os Alquimistas Estão Chegando”. Em Tábua de Esmeralda. Philips Records, 1974.

LISPECTOR, Clarice. “Tempestade de Almas”. In: A Bela e a Fera: Contos. Rocco, 1998.